

PI 006

ESTUDO MULTICÊNTRICO DO USO DE ANTIMICROBIANOS EM UNIDADES DE TERAPIA INTENSIVA DE ADULTOS NO BRASIL

Luiz Gustavo Machado^a,
Daiane Silva Resende^a,
Paola Amaral de Campos^a,
Melina Lorraine Ferreira^a, Iara Rossi^a,
Iolanda Alves Braga^b,
Caio Augusto Martins Aires^c,
Alexandre Marcio Boschiroli^d,
Maria Tereza Freitas Tenório^e,
Maria Maryllya Ferreira Francisco^e,
Raniella Ramos de Lima^e,
Paulo Pinto Gontijo-Filho^a,
Rosineide Marques Ribas^a

^a Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil

^b Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil

^c Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Mossoró, RN, Brasil

^d Hospital Governador Celso Ramos, Florianópolis, SC, Brasil

^e Casa de Misericórdia de Maceió, Maceió, AL, Brasil

Introdução/Objetivo: Com o passar dos anos, tornou-se alarmante o uso excessivo e inapropriado de antimicrobianos no ambiente hospitalar, particularmente em países de baixa e média renda como o Brasil. O estudo teve como objetivos investigar as práticas de prescrição de antimicrobianos em pacientes hospitalizados em 58 Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) de adultos brasileiras, de hospitais terciários e não terciários.

Métodos: Foi realizado estudo multicêntrico através de inquéritos de prevalência pontual em 58 UTIs localizadas nas cinco regiões do Brasil: 6 UTIs no Norte, 10 no Nordeste, 2 no Centro-Oeste, 39 no Sudeste e 1 no Sul. Os hospitais coparticipantes foram selecionados de forma aleatória. As instituições foram organizadas de acordo com o tipo (hospital universitário ou não universitário) e porte (< 200 leitos, 200-400 leitos, > 400 leitos). Foram consideradas todas as prescrições de antimicrobianos administradas em pacientes internados no dia da coleta de dados e sua finalidade (terapêutica ou profilática).

Resultados: Foram incluídos 664 pacientes no estudo, dos quais 70,3% faziam uso de pelo menos um antimicrobiano, 46,0% recebiam tratamento direcionado para IRAS e apenas 38,5% dos casos baseavam-se em critérios microbiológicos. A prevalência de IRAS variou entre 32,1% e 83,3% e o uso de antibióticos entre 53,1% e 83,3%. Hospitais de ensino com > 400 leitos e aqueles com tamanho de 201-400 leitos tiveram as taxas mais altas de uso de antibióticos com 75,0% e 70,2%, respectivamente, já o tratamento empírico foi mais frequente em hospitais com < 200 leitos (75,6%) e que não eram de ensino (72,6%). Em geral, o tratamento foi mais comumente direcionado para pneumonia (47,5%) e infecções da corrente sanguínea (33,1%). Glicopeptídeos (43,1%) e Polimixinas

(39,0%) foram mais frequentes em Hospitais Universitários, β -Lactâmicos em combinação com um inibidor (75,2%), cefalosporinas de amplo espectro (70,0%) e carbapenêmicos (68,1%) em Hospitais não Universitários.

Conclusão: Nosso estudo fornece dados alarmantes sobre o consumo de antibióticos em UTIs de adultos brasileiras, onde infelizmente grande parte dos pacientes são submetidos a tratamento empírico e com isso possivelmente sua adequação deve ser rara devido à ausência de critérios microbiológicos. Esses resultados devem encorajar uma reavaliação do uso de antimicrobianos nos hospitais do país.

Apoio: FAPEMIG/PPSUS, CNPq, CAPES.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.102002>

ÁREA: COVID-19

PI 007

ANÁLISE DA FREQUÊNCIA DE COINFEÇÕES POR SARS-COV-2 E DENV E AVALIAÇÃO DA GRAVIDADE DAS COINFEÇÕES EM RELAÇÃO ÀS MONOINFEÇÕES

Joyce Carnevale Rodrigues^a, Débora Familiar^a,
Fabiana Rabe Carvalho^b, Thalia Medeiros^b,
Andréa Alice da Silva^b,
Elzinandes Leal de Azeredo^a,
Luzia Maria de Oliveira Pinto^a

^a Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^b Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil

Paralelo à pandemia de COVID-19, Brasil continuou a enfrentar doenças tropicais como a Dengue. Mas, segundo os Boletins Epidemiológicos, os casos de Dengue no Brasil em 2020 foram subnotificados. O objetivo deste estudo é identificar a frequência de coinfeções por SARS-CoV-2 e DENV e avaliar a gravidade das coinfeções em relação às monoinfeções. Amostras de plasma de 143 pacientes COVID-19 de 2020, 15 doadores saudáveis e 15 pacientes com infecção por DENV de 2013 foram avaliados. Ensaios imunoenzimáticos utilizando testes comerciais foram realizados: Anti-SARS-CoV-2 IgA e IgG (Euroimmun), proteína NS1 do DENV (Platelia), anti-DENV IgM e IgG (Euroimmun). Dentre os doadores saudáveis foi detectado 75% de IgG anti-DENV; dentre os COVID-19, 75,9% IgA anti SARS-CoV-2, 66,7% IgG anti SARS-CoV-2, 80% IgG anti-DENV e por fim, IgM anti-DENV em 6 (4%) casos; dentre os casos confirmados de Dengue, IgA anti SARS-CoV-2 foi detectado em 1 caso (8,3%), IgG anti-SARS-CoV-2 em nenhum caso, NS1 de DENV em 41,7% e IgM anti-DENV em 33,3%. De acordo com o desfecho clínico, a presença ou não de sinais/sintomas no momento da coleta da amostras, os pacientes COVID-19 foram reagrupados em brandos/moderados, graves, óbitos e aqueles já recuperados dos sinais/sintomas. Os 6 casos de COVID-19/Dengue também foram avaliados separadamente. Observamos que idosos são maioria em COVID-19 graves e óbitos; mulheres são maioria dos COVID-19 recuperados; tosse é mais frequente em COVID-19; cefaléia, mialgia/